

“EU AMO ESSE BRINQUEDO!”: REFLEXÕES SOBRE O ARTESANATO DE MIRITI A PARTIR DE UMA ABORDAGEM ETNOECONÔMICA EM ABAETETUBA (PARÁ)

Bruno Rodrigo Carvalho **DOMINGUES**¹
IFCH/UFPA
brunodomingues121@gmail.com

Flávio Bezerra **BARROS**²
NCADR/UFPA
flaviobb@ufpa.br

Resumo: *Este artigo é fruto do projeto de pesquisa intitulado “Memórias e Diásporas dos Artesãos de Brinquedo de Miriti na Amazônia”, o qual visa registrar as memórias dos artesãos e suas histórias de vida, bem como analisar elementos das transformações sociais, culturais e econômicas ocorridas ao longo do tempo no âmbito da atividade, que ocorre no município de Abaetetuba, PA. A condução do projeto tem sido guiada a partir de aportes teóricos de disciplinas e campos como a etnografia, economia ecológica e antropologia econômica. Especificamente neste artigo, trataremos das relações estabelecidas entre os agentes do miriti com os recursos naturais e suas transformações econômico-sociais, visando refletir sobre uma etnoeconomia do artesanato de brinquedo de miriti na Amazônia, mais precisamente neste município da Amazônia Tocantina.*

Palavras-chave: *Economia Ecológica. Etnoeconomia. Artesanato. Miriti. Amazônia brasileira.*

Abstract: This article is based on the research project “Memórias e Diásporas dos Artesãos de Brinquedo de Miriti na Amazônia” that seeks to show the social, cultural, political and economics transformations between miriti agents of the traditional communities at Abaetetuba - PA, and to describe the story of life of the handcrafters in a composition of perspective based on ethnographic techniques, oral history, ecological economics and economical anthropology. In reference to the article, we will deal with on the relations of Miriti agents with natural resources and their socioeconomic transformations, to think about an ethnoeconomics of handicraft of the miriti toy in Amazon, more precisely at this municipality Tocantina Amazon.

Keywords: Ecological economics; Ethnoeconomics; Handcraft; Miriti; Brazilian Amazon.

¹Estudante de Ciências Sociais (IFCH/UFPA). Bolsista de Iniciação Científica do CNPq no NCADR/UFPA, sob orientação do Prof. Flávio Barros.

²Professor dos Programas de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (NCADR/UFPA) e Antropologia (IFCH/UFPA). É docente também no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em Cáceres/MT. Bolsista de Produtividade do CNPq.

Introdução

Ao longo de anos, homens, mulheres e jovens do município de Abaetetuba, no Pará, traduzem o modo de vida das comunidades ribeirinhas das ilhas e várzeas dessa parte da Amazônia, esculpindo na bucha³ do miriti (*Mauritia flexuosa*) – uma palmeira da família Arecaceae abundante na região-, brinquedos e enfeites que simbolizam o mundo do trabalho, da relação natureza e sociedade, das festas populares, do imaginário, das manifestações profano-religiosas e, mais recentemente, do universo midiático. Com efeito, os brinquedos podem ser classificados, como alguns artesãos colocam, em duas categorias: brinquedos tradicionais e brinquedos modernos. Os tradicionais correspondem às embarcações, animais, imagens de Nossa Senhora de Nazaré, dentre outros. Já os ditos “modernos” refletem personagens do mundo midiático, como desenhos animados e outros personagens televisivos.

O fazer de brinquedos e outros artesanatos é uma tradição cultural emblemática na cidade; nasceu junto às comunidades ribeirinhas que habitam as ilhas e várzeas e se estendeu pela parte urbana do município, ao passo que hoje a maioria dos artesãos encontra-se aí. Esta tradição, desde tempos atrás, foi sendo transmitida de geração a geração, através da observação, na qual o conhecimento e as técnicas foram sendo ressignificados e aperfeiçoados no decorrer dos anos.

Através do artesanato de miriti, o artesão ganha autonomia, seja no âmbito econômico, cultural ou social. Durante a produção do brinquedo, há diversos valores da cultura amazônica intrínsecos. O brinquedo de miriti não deve ser tratado como representação de objetos, mas como representação da cultura e da sociobiodiversidade das comunidades locais, pois, desde quando adentram a mata em busca da bucha, os trabalhadores extrativistas manifestam o seu eu amazônico, e continuam o seu processo de afirmação quando realizam o corte e preparam a matéria-prima para que os sujeitos da cidade possam confeccionar o brinquedo. Aos brinquedos, são atribuídos formas do cotidiano do povo, representações da sua realidade e conexão com a natureza, quando buscam na biodiversidade as cores para embelezá-los. Hoje é possível registrar artesanato

³Nome local dado ao pecíolo, o qual é utilizado como matéria-prima para a fabricação dos brinquedos de miriti.

de móveis de passarinhos que traduzem de forma fidedigna as cores das espécies na natureza.

As diásporas dos povos ribeirinhos das ilhas para a cidade, motivadas pela busca de melhores condições de vida, permitiram zonas de contato das culturas dos sujeitos da várzea amazônica com os atores da cidade; estes, por sua vez, acabaram incorporando a tradição do miriti. Com efeito, este ensaio tem como objetivo tecer reflexões acerca das relações ocorridas entre os artesãos e os brinquedos e entre aqueles e o capital, uma vez que a atividade encontra-se inserida num mercado regional, e até nacional e internacional, frente às transformações ocorridas na produção do artesanato e conseqüente crescimento pelo seu interesse, que não se limita apenas aos brinquedos. São estas mudanças que irão constituir a centralidade desse texto.

Breves considerações sobre Etnoeconomia

A etnoeconomia é um ramo da ciência que estuda a economia e a gestão dos recursos naturais a partir da vivência de povos e comunidades tradicionais. É uma análise do cotidiano e de quais colaborações estes agentes transmitem com suas técnicas de uso da natureza em prol do bem viver, aliado ao estudo de como os interesses individuais desses atores ao usarem da natureza como principal meio de transformação social impulsionam melhorias para suas sociedades, não a partir de uma perspectiva de autorregulação, como nas teorias econômicas liberais, mas de uma perspectiva de cooperação entre agente e ambiente, explicitando o sistema econômico enquanto subconjunto do sistema ecológico.

O termo etnoeconomia é pouco explorado pelos estudiosos das ciências econômicas, sociais, e demais ciências humanas. No Brasil, um dos pioneiros no estudo da etnoeconomia é o economista Clóvis Cavalcanti, que ainda sem saber, iniciou seus escritos etnoeconômicos em 1992, quando conceituou “etno/eco desenvolvimento” e quando mais tarde pesquisou acerca dos povoados indígenas dos Estados Unidos da América e da Amazônia Brasileira, analisando seus comportamentos e modos de vida (CAVALCANTI, 2001).

Cabe ressaltar a aproximação de algumas disciplinas ao campo da etnoeconomia, como a antropologia econômica e a economia ecológica, que caracterizam as relações econômicas entre homem e meio ambiente de modo geral, mas cabe à etnoeconomia destacar estas relações no âmbito dos povos e comunidades tradicionais.

Cavalcanti (2001) afirma que é necessário fomentar o desenvolvimento de uma etnoeconomia que enxergue de que maneira povos locais, tradicionais e indígenas conceituam as diversas relações econômicas que têm construído, caracterizado e mantido suas sociedades, e é partindo destes princípios que discorreremos acerca da etnoeconomia dos artesãos de brinquedo de miriti de Abaetetuba, que desenvolvem seu trabalho e geram uma economia com base em seus traços culturais e ecológicos, que geram renda e valorizam a sociobiodiversidade amazônica.

Área de estudo e caracterização socioeconômica

O município de Abaetetuba/PA (Figura 1), situado na região da Amazônia Tocantina, possui 141.100 habitantes e produto interno bruto (PIB) de R\$ 733.494,24 e dimensão territorial de 1.610,408 km². Em sua economia predomina o setor de serviços segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), porém, é relevante destacar as atividades da pesca, do extrativismo do açaí e dos frutos de miriti, como relevantes economicamente.

Abaetetuba apareceu no cenário paraense como grande produtora de cachaça. Seus traços culturais influenciam bastante em sua economia, seja através do açaí, seja através dos insumos comercializados na feira situada na “beira” (o cais da cidade), dentre eles, produtos derivados do miriti, como o mingau, o vinho, o fruto, cestarias, e os brinquedos, que além de ter uma relevância econômica-social ampla, possui incontestemente relevância cultural e turística. Durante os meses de maio e outubro, a economia do município é aquecida, dada a ocasião do Festival do Miriti (*Miriti Fest*), que ocorre mesmo em Abaetetuba, e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, manifestação profano-religiosa que tem lugar na cidade de Belém, capital do estado, quando a renda dos artesãos aumenta consideravelmente em face da forte relação existente entre os brinquedos de

miriti e esta festa que reúne cerca de 2 milhões de promesseiros e turistas vindos de todos os cantos do Brasil.



Figura 1 – Mapa de localização do município de Abaetetuba/PA, onde a pesquisa foi realizada. Elaborado por Bruno Domingues – 2015.

Procedimentos Metodológicos

Durante este trabalho, utilizamos técnicas de história oral (MEIHY&HOLANDA, 2007), de etnografia (CLIFFORD, 2011), memória social (LOPEZ, 2008), etnoeconomia (CAVALCANTI, 2001) e de economia ecológica (CAVALCANTI, 2004), bem como pesquisas de campo na Feira de Artesanato de Miriti do Círio de Nazaré, *Miriti Fest*, na Trasladação do Círio de Nazaré, além de visitas à “Beira de Abaetetuba”.

Brinquedo de miriti x Globalização: preservação cultural em tempos do grande capital

A globalização leva ao mundo personagens, modos de vida, culturas e determina padrões de aceitabilidade, e entre as comunidades tradicionais de Abaetetuba não é diferente. O “*American Way of Life*” se alastra, paulatinamente, entre os atores do miriti, mas não por escolha destes, mas sim por imposições mercadológicas. O capitalismo estabelece preferências, públicos alvos e ressignifica todo o processo de produção do brinquedo de miriti.

O processo de afirmação do “eu” amazônico divide seu espaço com representações midiáticas, personagens do capitalismo internacional; assim, boa parte dos artesãos passa a esculpir o que o mercado lhe pede, sendo comum chegarmos às feiras, principalmente na capital paraense, e encontrarmos representações de personagens de filmes, desenhos animados e outras figuras do mundo *oversea*.

Estas novas configurações na produção do brinquedo de miriti pode ser preocupante, caso ponham em risco a perenidade dos valores, saberes e fazeres dos povos amazônicos, reforçando a ideia de “niilismo amazônico”, ou seja, a negação de suas raízes e de uma vasta e bela sociobiodiversidade, no sentido de que as novas gerações deixem de valorizar a cultura local para absorver culturas externas. Caso esse fenômeno ocorra, causará uma ruptura de um processo histórico que possui forte relação com o trabalho no campo, principalmente, quando os brinquedos retratam o cotidiano ribeirinho e as relações etnoecológicas e etnoeconômicas existentes entre o homem e o ambiente amazônico. Numa outra perspectiva, podemos apostar que estas novas práticas possam ser interpretadas como recomposições do fazer tradicional numa abordagem de interações de culturas, sem, contudo, haver um processo de erosão biocultural, uma vez que parte dos artesãos continua elaborando os brinquedos tradicionais. Vale ressaltar que entre os artesãos mais jovens, os denominados brinquedos modernos são mais frequentes. Consideramos, portanto, que estas novas configurações não necessariamente impliquem em perda de identidade, uma vez que esta noção, como afirma Hall (2003), é móvel, estando em constante transformação.

A divisão do trabalho entre os artesãos de miriti

O homem realiza trabalho na sociedade em que habita e, este trabalho, depende, na maioria dos casos, do coletivo ao qual o homem se insere. As dinâmicas do trabalho e a capacidade humana de desenvolver inúmeras habilidades colaboram com a produtividade do processo de trabalho. Entre os artesãos de miriti, este acontece por cooperação simples, em que a divisão do trabalho ocorre de acordo com o gênero ou idade; as colaborações dos atores geram um produto final, que não é fruto de um capitalista, mas de trabalhadores e trabalhadoras que dividem suas tarefas a fim de maximizar sua produção, para com isto obter o sustento de suas famílias. A lógica do capital no sentido de maximizar lucros não cabe às comunidades de Abaetetuba pelo fato de que os atores conduzem os trabalhos com o objetivo de obter melhorias na qualidade de vida e valorizar suas tradições. Com efeito, os brinquedos não devem ser vistos como mercadorias, apenas.

Para a produção dos brinquedos de miriti, as seguintes etapas devem ser cumpridas, ou seja, corte, lixa e pintura. O corte implica a materialização do motivo (representação a ser colocada na matéria-prima); geralmente se faz com facas bem afiadas, quando o artesão vai esculpindo sua criação no vegetal. A lixa se caracteriza pelo refinamento da arte, retirando excessos e partes que não ficaram boas. Por último temos a pintura.

Entre os agentes desse artesanato amazônico, as mulheres não costumam realizar o corte (apesar de que agora algumas já o fazem), logo, os homens que, geralmente são os chefes da família, realizam o corte da bucha; as mulheres lixam os brinquedos enquanto os filhos executam a tarefa de pintura, finalizando o produto para a comercialização. Contudo, esta divisão pode sofrer modificações consoantes ao talento de cada pessoa da família, havendo, assim, variações. Registramos, por exemplo, mulheres pintando e lixando, ou jovens cortando.

A força de massa que gera o brinquedo é fruto deste processo de cooperação. Para Marx (2014) [1867] “Não se trata somente do aumento da força produtiva individual por meio da cooperação, mas a criação de uma força produtiva que tem de ser, por si mesma, uma força de massas”. Dessa forma, o conjunto das forças produtivas individualmente ampliadas gera uma força produtiva coletiva que corrobora para a ampliação da

produtividade. Esta cooperação se amplia nos períodos de festas, como o *Miriti Fest* e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, o “carnaval devoto” (ALVES, 1980) da capital paraense. Com efeito, percebemos como esta produção cultural é democrática, porque envolve uma diversidade enorme de sujeitos, desde crianças, jovens e idosos, numa tarefa que agrega a família nuclear, parentes próximos, vizinhos e quem mais quiser aprender a se tornar um artesão. A tarefa de fazer brinquedos de miriti implica, portanto, trabalho, aprendizagens, conhecimentos, sociabilidades, visão de mundo, emancipação.

Da produção à comercialização: o novo cooperativismo e a economia popular

Até que o produto final do brinquedo de miriti chegue aos destinatários, é necessário uma série de procedimentos. A cadeia produtiva inclui desde a retirada da matéria-prima na mata de várzea, comumente feita por ribeirinhos das ilhas do município e que não produzem diretamente o brinquedo de miriti, até o cliente. Contudo, é importante destacar que em tempos passados era o próprio artesão que realizava a extração das buchas, pois esta atividade se concentrava nas ilhas e era praticada pelos ribeirinhos, porém, com a evolução das forças produtivas, necessidade de aumento da oferta, migração das populações do campo para a cidade, parte dos artesãos foi deixando de realizar a coleta da palmeira. Hoje, a extração, na maioria dos casos, é feita pelos ribeirinhos que habitam as ilhas e vendem a matéria-prima para os artesãos que moram na cidade, havendo aí a possibilidade de ter um atravessador ou não.

Estes processos iniciais da produção do brinquedo configuram o início de uma cadeia de trabalho informal, que fomenta a sociabilidade entre as pessoas, além de promover uma economia popular (FRANÇA FILHO, 2002) no local, onde um contribui com a necessidade do outro, formando vínculos econômicos.

A economia popular corresponde à produção e desenvolvimento de atividades econômicas calcadas numa base comunitária, o que implica uma articulação específica entre necessidades (demandas) e saberes (competências) no plano local (FRANÇA FILHO, 2002); dessa forma, empreendimentos econômicos como a produção de brinquedo de miriti, que têm em sua base a família e a comunidade, compreendem o

universo da economia popular, uma economia colaborativa, onde os agentes comunitários fazem uso de um novo cooperativismo (NASCIMENTO, 2003) a fim de realizar a autogestão de seus negócios, neste aspecto, é nítida a perspectiva marxista de que a autogestão depende da mobilização coletiva.

As colaborações dos agentes na economia do brinquedo de miriti podem ser melhor analisadas na cadeia de produção e comercialização do produto (Figura 2), em que a comercialização do artesanato é feita comumente nos ateliês da cidade, -que se configuram em espaços das próprias casas (um terraço, uma casinha separada, um quarto, uma barraca no quintal, podem se caracterizar como ateliês)-, nas feiras de Belém, venda para lojas de produtos regionais ou durante os grandes eventos, como o *Miriti Fest* e o Círio de Nazaré, períodos em que há aumento considerável da venda e, por conseguinte, da renda, pois registra-se nesta altura um crescimento da demanda e da oferta. Entre os artesãos existem também, ainda que em baixo número, aqueles que exportam os produtos e participam de feiras nacionais e internacionais.

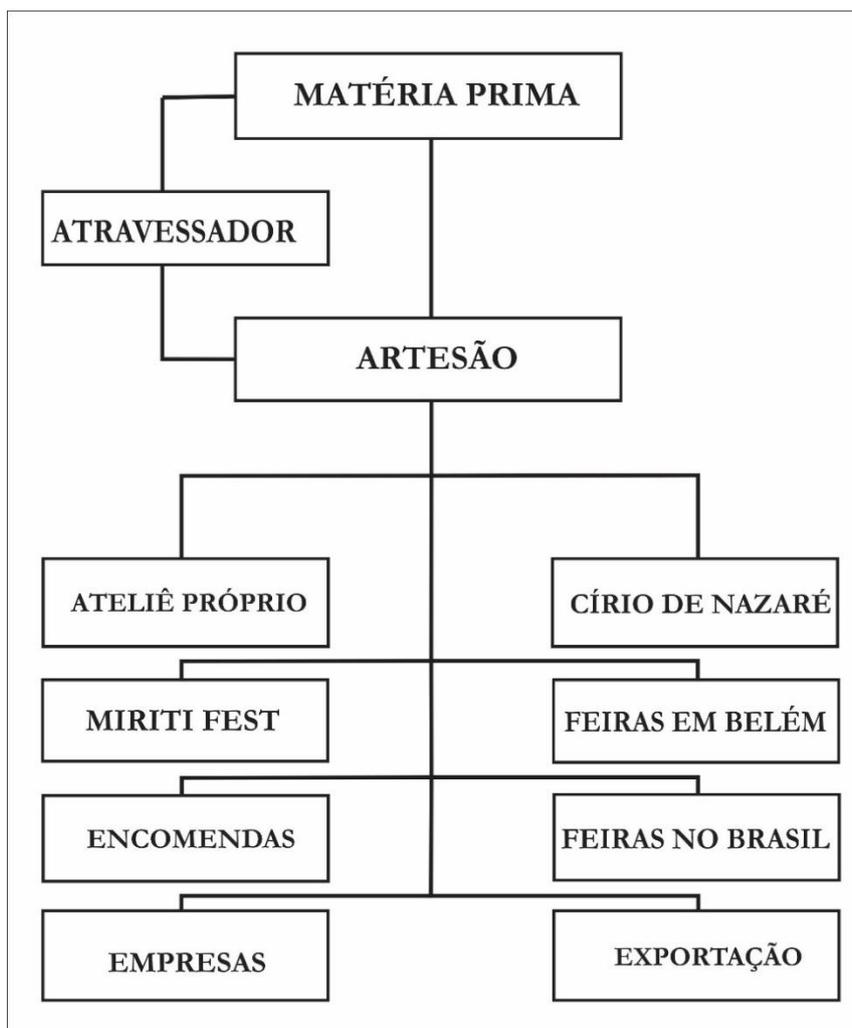


Figura 2 – Cadeia de produção e comercialização do brinquedo de miriti em Abaetetuba, Pará.

É impossível não se encantar com a beleza e a magia dos brinquedos, que atraem pessoas de todas as idades, de todos os gostos, de todas as classes sociais. O brinquedo vira objeto decorativo nas residências, prédios, lugares públicos, funciona como brinquedo em seu sentido real para as crianças ribeirinhas que brincam com os seus barcos nos rios do município, e para as crianças das cidades que se divertem e, ao mesmo tempo, aprendem sobre a Amazônia de maneira lúdica.

O crescimento da demanda e da oferta no período do Círio de Nazaré gera mudanças na rotina dos artesãos, pois eles dedicam dias a mais e aumenta o número de

colaboradores, para que a representação da sociobiodiversidade amazônica seja perfeita e em larga escala. Como relata o artesão, o senhor Raimundo Diabinho:

“Eu inda me lembro assim... eles faziam o seguinte, um mês... ai eles trabalhavam sabe? Faziam brinquedo, faziam pouco, quando faltava assim um mês, no mês do círio... naquele tempo tinha muito camarão seco, comida fácil assim de fazer, enlatado ai eles compravam farinha, o camarão seco ficava ali em cima... no paneiro, mapará eles preparavam, deixava... eles preparavam tudo pra esse mês, ai eles começavam trabalhar [...]. Ai eles passavam o mês, chegava na hora do almoço ali, pra num tirar a mulher pra... num botar pra cozinhar, nem o cara ir trabalhar, ai eles baixavam o camarão, tiravam uma mão cheia pra cada um, ai fazia o pirão com açaí, aquela coisa, comiam ali trabalhando e ai pra comer na casa, ai quando era de noite corria um cara chata, sabe o que é cara chata? (risos) mingau... ai assim levava. Olha, eu não te digo o mês inteiro, mas uns quinze dias assim pra vim mesmo pra cá, eles faziam direto, direto mesmo.” – Raimundo Diabinho, Artesão. Maio de 2014.

O relato acima demonstra o quanto é importante a manifestação profano-religiosa do Círio de Nazaré, onde, durante a trasladação e o dia do círio, o artesanato de miriti com suas concepções tradicionais possuem grande importância, pois, devotos de Nossa Senhora de Nazaré representam nos brinquedos “graças” materiais alcançadas, objetivos conquistados, como a compra da casa, do carro, da canoa, barco e outros bens.

Círio de Nazaré: economia e religiosidade entre os artesãos de brinquedo de miriti

Grande parte dos artesãos possui algum tipo de ligação religiosa com o brinquedo, que serve de representação de “graças” alcançadas após promessa para Nossa Senhora de Nazaré (Figura 3), padroeira da capital paraense. Muitos artesãos veem em seu trabalho além de uma forma de obtenção de renda, uma maneira de estar próximo às suas crenças, de agradecer por tudo o que fora conquistado, como relata o artesão Amadeu:

“Eu digo assim, que cada artesão tem a sua história. Pra eu começar a fazer o brinquedo, que eu aprendi com o meu pai, eu fui levar a minha mãe pra fazer uma cirurgia em Belém, e quando eu subi ali na Cidade Velha, na Praça do Carmo, eu vi assim a praça tá colorida de brinquedo, ai eu fui pra terra e acompanhei o Círio de Nazaré, pedindo pra Nossa Senhora que concedesse uma boa cirurgia pra minha mãe e que se me ajudasse pra no outro ano eu pudesse vender o brinquedo naquela giranda. Ai no outro ano eu comprei brinquedo pra levar, no primeiro ano eu levei 50 peças, no segundo 250 peças, ai eu contei a história pro meu pai, ai ele disse ‘não, eu vou te ensinar’, ai foi que eu aprendi, o primeiro brinquedo que eu aprendi foi aquela pombinha ali... E depois dos dois anos eu comecei a fazer já o brinquedo, e hoje eu tô com 34 anos na profissão, o que você vê aqui tudo sai de mim, do meu coração, porque eu amo muito esse brinquedo[...]” Sr. Amadeu, artesão. Maio de 2015.

Como relata o Sr. Amadeu, o Círio de Nazaré representa o marco inicial de sua história com a palmeira; representa o elo que liga o artesão à sua arte, é o sentido de seu trabalho, é a gratidão por algo conquistado. E estes casos se repetem entre vários artesãos, que dedicam o seu trabalho àquilo que acreditam, e têm em si um sentimento de afeição e de que com a bênção de Maria terão bons dias de trabalho, como relata Dona Pacheco:

“Todo ano no *Miriti Fest* primeiro a gente faz um momento com a santa e depois começa o festival, mas esse ano a ASAMAB⁴ disse que não era pra misturar *Miriti Fest* com religião, ai não teve a vinda da imagem lá da igreja de Nossa Senhora da Conceição. Mesmo assim eu preparei a imagem da santa e deixei aqui do lado, eu que tô vigiando, porque eu preciso falar com a santa antes de trabalhar, eu me sinto assim abençoada, sabe? A gente sabe que vai dar tudo certo.” Dona Pacheco, Artesã. Maio de 2015.

Mais uma vez se evidencia as relações entre trabalho e religiosidade presentes na produção do brinquedo, quando, ainda que pela exigência da laicidade no evento do *Miriti Fest*, Dona Pacheco leva até ao lado de seu *stand* uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré e a vigia em um ato de resistência, pois segundo ela, o próprio *Miriti Fest* advém

⁴Associação dos Artesãos de Brinquedos e Artesanatos de Miriti.

da religiosidade, e acontecia na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, que fica no centro de Abaetetuba.

O Círio de Nazaré é uma manifestação cultural do Estado do Pará e movimenta muitos setores econômicos no mês de outubro, dentre os quais, o de serviços e o trabalho informal, dificilmente quantificado, dada a falta de registro, como o dos artesãos, que são filiados à ASAMAB, porém não possuem base de dados e controle do que é produzido. Contudo, durante os dias do Círio, de acordo com os artesãos que entrevistamos, são vendidas aproximadamente 1000 peças por vendedor (quantidade que pode variar de artesão para artesão), totalizando uma receita final média de R\$ 5.000,00 durante os dias de círio. Logo, é verificável que, além da importância no sentido de avivamento cultural do Círio (que está em primeiro plano), há também uma relevância econômica e social em meio a este carnaval devoto, já que muitos artesãos vivem apenas do brinquedo, renda responsável para suprir de alimento, bens materiais, educação dos filhos. Dessa forma, podemos afirmar que o Círio de Nazaré é o momento épico do artesão.



Figura 3: 3a) Representação de personagens midiáticos; 3b) Casa de miriti como representação das promessas feitas no Círio de Nazaré; 3c) Seu Jessé, artesão de brinquedo de miriti na feira do Círio de Nazaré; 3d) Brinquedos de miriti na trasladação

do Círio de Nazaré; 3e) Dona Nina Abreu, artesã (fonte: domínio público); 3f) Processo de produção do brinquedo (fonte: Fagner Freires).

‘Por que não eu?’: autonomia e independência das mulheres artesãs de miriti

Quando se pensa nos papéis em que as mulheres desenvolvem no campo, comumente se pensa a partir de uma perspectiva de que a mulher desenvolve suas atividades na roça ou na casa, atividades de “ajuda” ao homem, mesmo quando desempenham a mesma tarefa do seu companheiro (BRUMER, 2004 *apud* FERNANDES&MOTA, 2014). Ao longo da história dos movimentos feministas no Brasil, as mulheres lutam para que esta imagem seja mudada, e entre as artesãs de brinquedo de miriti de Abaetetuba não é diferente. As mulheres, ainda que não possuam organizações específicas, ganham seu espaço entre o artesanato. As atividades realizadas com o miriti, como já relatado aqui, são sexualmente divididas, não obstante a situação esteja mudando.

Não é tão incomum ouvir relatos de mulheres que encontraram no miriti uma forma de garantir o sustento de suas famílias e de conquistar a sua autonomia e independência no âmbito trabalhista e financeiro. Histórias como as de Dona Nina Abreu e Dona Pacheco, mulheres que descontentes com suas antigas condições de trabalho se perguntaram “por que não eu?”. Por que dividir trabalhos por sexo se todos possuem a mesma capacidade de exercer as funções?

“Eu cheguei na praça e vi assim um monte de brinquedo, ai eu disse assim, ‘por que não eu?’ ai eu fui pra casa, comprei uma bucha de miriti e fiquei aprendendo, ai foi que eu comecei a vender, e a gente só vivia do miriti. [...] Tudo que eu tenho dentro de casa veio do miriti! Minha casa, televisão que cada pessoa tem uma, minha geladeira, tudo, tudo em casa veio do miriti, formei meus filhos, uma tá se formando agora em técnica em enfermagem, um se forma agora na polícia, duas são professoras, outra tá morando em Fortaleza, é soldadora...” Dona Pacheco, Artesã. Maio de 2015.

Dona Pacheco é artesã experiente, que aprendeu o ofício sozinha, pelo anseio de conquistar melhores condições de trabalho, melhor qualidade de vida. Antes do brinquedo de miriti realizava ocupações que não lhes davam prazer e que eram tidas como “serviço de mulher”. Partindo desta perspectiva, conseguimos comparar com o que fora escrito por Silva&Eggert (2012) de que na contracorrente de interpretações que percebem o artesanato como mais um instrumento de dominação feminina, essa experiência investigativa mostrou que eles podem ser poderosos instrumentos de criatividade, elaboração subjetiva e formação política coletiva.

Através do artesanato, a mulher do miriti rompe com tradições de uma sociedade patriarcal e conquista sua autonomia, sua liberdade nos campos econômicos, sociais, culturais e políticos, pois quando resiste aos velhos paradigmas, demonstra seu alto grau de politização e do quanto é capaz de sonhar e tornar os sonhos realidade.

Considerações finais

Os artesãos de brinquedo de miriti de Abaetetuba têm sonhos e vontades e os realizam a partir da biodiversidade local. A relação do nativo com o miriti é uma relação permeada de sentimentalidade, de histórias de vida, de paixão. O miriti, em todos os seus aspectos, é um agente de transformação socioeconômica e cultural no município, pois é com o miriti que as comunidades tradicionais das ilhas e os sujeitos da cidade tiram seus sustentos, se educam e levam a educação e a cultura amazônica ao mundo por meio das representações no brinquedo. Assim, ao fabricar o brinquedo, o artista também está reproduzindo sua história, o modo de vida amazônico e a sua relação com a natureza.

A etnoeconomia do brinquedo de miriti revela as relações econômicas que os artesãos têm com a palmeira, mas não relações no sentido de exploração da natureza e degradação ambiental, mas sim, uma relação de respeito e valorização da Amazônia e sua sociobiodiversidade. A economia está intrínseca ao ecossistema, e neste sentido, as comunidades nos mostram o quanto é possível que o não desvencilhamento entre os dois sistemas, seja possível que haja interações entre as relações econômicas e ecológicas se

transformando em relações humanas capazes de gerenciar os recursos naturais sem que haja o desequilíbrio sistêmico, partindo de uma existência de uma dialética da natureza (ENGELS, 1883), em que homem e meio natural interagem entre si de modo a contribuir para a valorização da natureza sem que existam relações de exploração de caráter meramente mercadológico do homem sobre a natureza, ou seja, o homem econômico se põe enquanto parte do ecossistema.

Há no artesanato de brinquedo de miriti uma dinâmica de transformações sociais; o miriti é agente de avivamento da cultura amazônica, dessa forma, ainda que os artesãos do brinquedo enfrentem as problemáticas aqui apresentadas com relação à globalização e as mudanças decorrentes dela, não podemos afirmar que ocorre perda da identidade, pois os atores continuam a produzir os brinquedos que enaltecem a etnobioidiversidade local.

O brinquedo de miriti possui incontestemente relevância no sentido de dar autonomia aos seus agentes, que conseguem autogerir seus empreendimentos e obter melhoramento econômico para o sustento de suas famílias, além de colaborar para a formação de economias em seu entorno.

A maneira organizativa dos artesãos demonstra o modo natural como a economia acontece entre estes agentes em Abaetetuba, estas organizações têm por objetivo a gestão dos empreendimentos e é um importante instrumento para a obtenção de melhorias e reconhecimento de seus trabalhos.

Através dos brinquedos, os artesãos cultivam suas tradições e representam neles o mundo das lendas e cultura amazônica, as religiosidades, o mundo do trabalho, no sentido de imprimir aquilo que seus olhos veem, de exteriorizar aquilo que seus pais lhes disseram. Promovem a cultura e com ela a independência de seus agentes, que conseguem sobreviver exclusivamente da arte, da sociobioidiversidade, enfim.

Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. S. **O Carnaval Devoto**: Um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém. Petrópolis: Editora Vozes; 1980.

CAVALCANTI, C. V. Pensamento econômico, saber ecológico tradicional e etnoeconomia: Uma proposta introdutória de nova perspectiva disciplinar. **Trabalhos para discussão**. Nº 110; 2001.

MARGENS - Revista Interdisciplinar
Versão Digital – ISSN: 1982-5374

Dossiê: Formação Docente
VOL.10. N. 14. Jun 2016. (p. 199-215)

CAVALCANTI, C. V. Uma tentativa de caracterização da economia ecológica. São Paulo: **Ambiente e Sociedade** – Vol. VII nº 1; 2004.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 4ª edição; 2011.

ENGELS, F. Humanização do Macaco pelo Trabalho in: **A Dialética da Natureza**, 1883.

FERNANDES, T.&MOTA, D. M. “É Sempre Bom Ter o Nosso Dinheirinho”: sobre a autonomia da mulher no extrativismo da mangaba no Pará. **RESR**, Piracicaba-SP, Vol. 52, Nº 01, p. 009-024; 2014.

FRANÇA FILHO, G. C. de. Terceiro Setor, Economia Social, Economia Solidária e Economia Popular: traçando fronteiras conceituais. **Bahia Análise e Dados**, Salvador – Vol 12 nº 1; 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LOPEZ, I. **Memória Social**: Uma Metodologia que conta Histórias de Vida e o Desenvolvimento Local. Museu da Pessoa: São Paulo, 1ª Ed; 2008.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política: Livro I, ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MEIHY, J. C. S. B.&HOLANDA, F. **História Oral**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 1ª edição, 176p; 2007.

NASCIMENTO, C. A Autogestão e o “novo Cooperativismo”. **Seminário Nacional de Autogestão**, Joinville; 2003.

SILVA, M. A.&EGGERT E. O Artesanato Como Instrumento De Criatividade E Formação Política De Mulheres. **IX Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnología y Género**, Sevilla; 2012.